

Bibliotecas e museus dinâmicos

Campinas conta com excelente biblioteca municipal, muito bem organizada, com riqueza bibliográfica das mais sensíveis, e, com museus que devem ser considerados atuais e eficiente para o desenvolvimento da cultura da terra e da gente, como elemento participante do complexo cultural que deve informar o nosso progresso. Temos tecido repetidas considerações a respeito da importância da leitura, da urgência da recuperação e revalorização do livro, como fator inequívoco do relacionamento humano, pela palavra adequada e múltipla, capa de traduzir, às claras, o nosso pensamento. Por isso as bibliotecas públicas, aquelas que ofertam os livros à leitura, principalmente dos que não têm condições de possuir a sua biblioteca particular — essas instituições revelam a alma do homem, a eles mesmos, quando encontram incentivos à motivação da busca dos meios e métodos de aproveitamento eficiente do livro. Os museus, diferentemente das bibliotecas, guardam os registros materiais do passado, possibilitando-nos a sua revisão, orientadamente, sob a égide de dirigentes e museólogos, estudiosos e técnicos, ainda com a função pedagógica dos que informam e formam a nossa consciência cultural.

Campinas possui ambas as instituições muito bem orientadas, o seu Museu de Arte Contemporânea e sua Biblioteca Municipal, além do museu particular, mantido pela Arquidiocese, que reúne acervo dos mais ricos. Quando nos referimos, no título, a museus e bibliotecas como fatores dinâmicos do desenvolvimento cultural do povo, queremos dizer, com isto, que os desejamos, de portas abertas, não apenas, passivamente, à espera do expectador do passado ou do leitor fortuito, mas abertas com as esplêndidas atrações do processo pedagógico que gostaríamos fosse alimentado pelas autoridades competentes. O que pretendemos é que a biblioteca mantenha cursos de especialização em leitura de romances, em análise de textos, exame de livros arcaicos, enfim, estímulos à motivação, ali mesmo, em seu recinto, ou no salão adequado, sob a sua orientação, em magnífica atividade humanizadora. Por quê as nossas bibliotecas não fazem cursos constantes de orientação de leitura? Por quê não ensinam a ler poesia ou a encadernar livros?

As declaradas, são sugestões que se urdem, jornalisticamente, sem maiores análises senão da ausência da leitura, e mtodos os níveis, e, decididamente, com resultados muito mais deletérios e permanentes junto aos que não dispõem de recursos próprios para a compra dos livros. E por quê a biblioteca municipal, por seus técnicos, seus orientadores não vai até os estabelecimentos públicos de primeiro, segundo e terceiro graus, e, mesmo nos cursos superiores, a fim de desenvolver este estímulo à leitura consciente e participante, Decerto, há que reunir-se à Faculdade de Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, instituição muito bem orientada e, que pode e deve participar desta cruzada de recuperação do livro e da leitura inteligente e sadia. O mesmo podemos reclamar quanto aos museus, a fim de que saiam de seus limites para a procura dos interessados, dos curiosos, mas — urgentemente — para a formação de novos curiosos, de maior número de interessados, de jovens, de pessoas que desejem, com participação, conhecer aquela riqueza que ali existe. Os clubes de serviço, os institutos culturais, todos os demais líderes sociais podem ofertar parcela de seu tempo para que a cidade conheça os recursos de que dispõe. E, que tal transformar o livro em o instrumento efetivo e eficiente da promoção humana permanente?